

DIRECTOR:  
Augusto de Santa-Pita

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal  
**O SECULO**

N.º 710

## A PARADA DAS FRUTAS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

**F**OI num esplêndido pomar de certo palácio real, que isto sucedeu e há tantos, tantos anos, que já se lhe perderam a conta.

Parece que, nêsse tempo, tôda a fruta nascia em qualquer época do ano, porque ali se juntaram algumas que, agora, nunca se chegam a ver umas às outras.

Quere dizer: havia frutas da primavera, do verão do outono e até do inverno. As árvores ouviam muitas vezes falar do rei e da rainha às damas e cortezãos que vinham de passeio até ao pomar.

E um dia de que haviam elas de se lembrar?!

Nada mais, nada menos, do que de eleger um rei ou uma rainha.

Se os homens tinham reis, porque é que as frutas não os haviam de ter?! E decidiram, para pôr em prática o seu projecto, organizar uma parada de frutas.

O júri foi constituído por uma res-

peitável senhora nogueira que, de velha, já não dava nozes, uma olaia e um plátano, árvores que não são de fruto, por isso imparciais no seu julgamento.

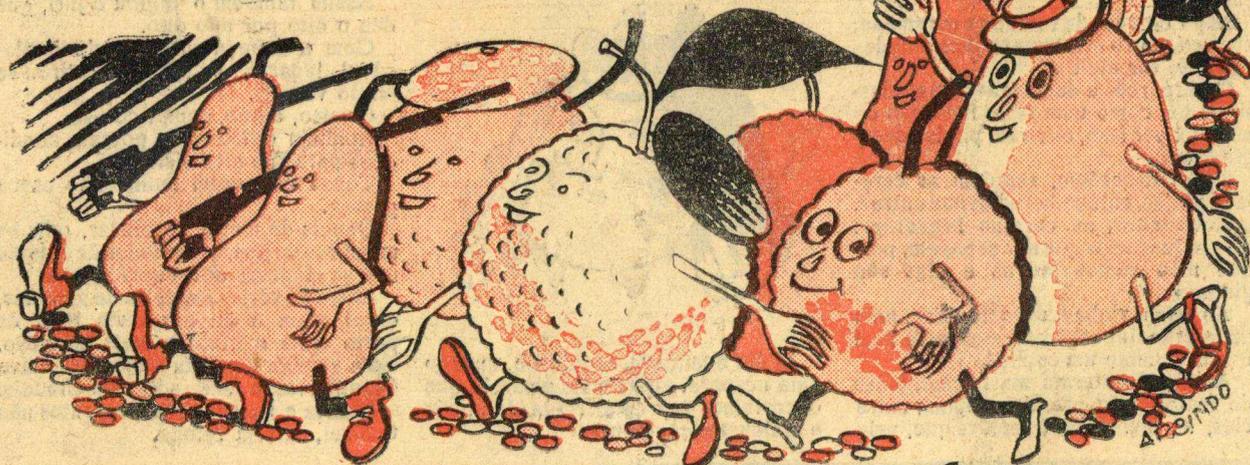
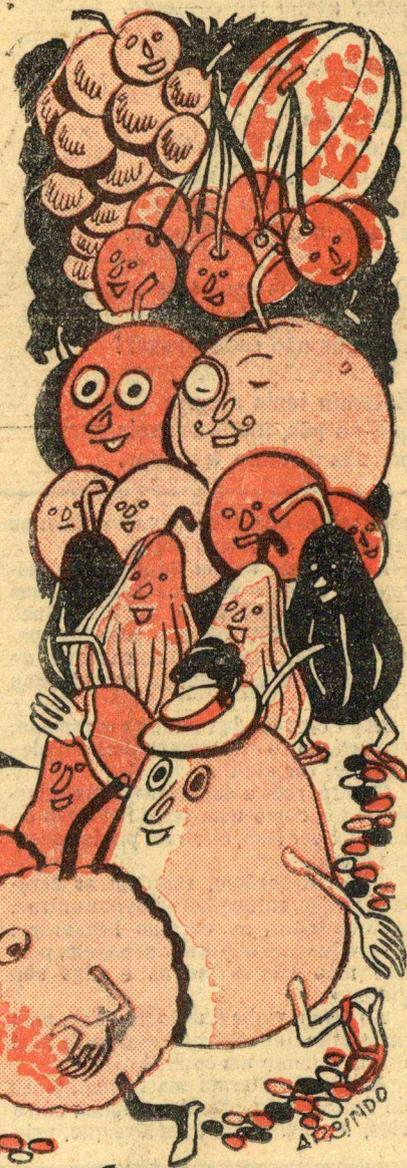
Cada árvore do pomar, mandou uma delegação.

Desfilaram peras, de espingarda ao ombro, fazendo brilhar ao sol as cascas luzidias, laranjas da China, às cortezias, tal qual os chins da sua terra; as de Setúbal, de boa côr sãdia e as da Bafa, dansando sambas, maçãs rubicundas que mais reboavam do que andavam, figos lampos, também marchando mal, por causa do seu pé torto...

Os de *capa rôta* foram postos fóra do concurso, pelo estado lastimoso em que se apresentaram.

Apupados pela assistência, tiveram de se retirar, transpirando mel por todos os póros.

Os abrunhos do duque, faziam certa vista com a sua capa roxa, assim como



# Bebé e o pobrezinho

POR FELIZ VENTURA

O Bébé...  
 Ai como éle anda,  
 como éle anda satisfeito!  
 Que intenso brilho no olhar!...

Vive num mundo dif'rente,  
 êsse mundo pequenino  
 em que se aprende a rezar.

E com isto ia esquecendo  
 de acabar  
 de vos contar  
 o motivo de o Bébé  
 andar assim tão contente.

Escutem, vou começar:

Nêsse dia  
 recebera de presente,  
 oferta da Tia Guida,  
 um fato novo à maruja  
 e já com calça comprida.

O sonho dos seus sete anos!  
 A gente naquela idade  
 em mais não sabe pensar!

E sentiu tanta alegria  
 que se pôs, junto à janela,  
 em voz baixinha a cantar.

Mas eis que éle, então, repara  
 no pequeno do vizinho,  
 menino da sua idade.  
 Coitado, tão pobrezinho!  
 Mas tinha dentro do peito  
 um tesouro: — o da Bondade.

Mostrava tal alegria,  
 tão grande contentamento,



que o Bébé ficou calado  
 e até um pouco intrigado  
 perguntou à sua Ama:

— «Que tem aquele pequeno  
 que se ri com tanto gosto?  
 Nunca o vi tão bem disposto!»  
 Ela, com tôda a meiguice,  
 afagando o seu menino,  
 com voz doce assim lhe disse:  
 — «Oíça, meu filho. A razão  
 é bem simples. O calção  
 que estava já muito uzado  
 e o menino não vestia,  
 mais o bibe de riscado  
 com quadrado miúdinho,  
 deu-os a sua Mãã  
 ao pequeno. Coitadinho!  
 Essa prenda sem valia,  
 deixou-o tão satisfeito  
 que até chorou de alegria.

Gostava que então o visse!...»  
 E, sorrindo com meiguice,  
 ia afagando o Bébé.

É que o que temos, velhinho,  
 Parecendo que não presta,  
 Basta para encher de festa  
 Quem no mundo é pobrezinho.

as ameixas que envergavam quimonos  
 japoneses, de várias côres,

A-pesar de serem da horta, os morangos vinham vistosos com as suas fardas mosqueadas e as barretinas verdes. Mas foi o pêcego, pela sua aparência aristocrática, o seu vestido de côres suaves, aveludadas, que agradou em cheio.

Logo correu, de ramada em ramada, que seria éle o que mais probabilidades tinha de ser eleito.

Os alperces e damascos foram classificados como uma reles imitação do pêcego; por isso, ouviram piadas desagradáveis.

Numa desordem, seguiam as cerejas e ginja, enlaçadas umas nas outras.

Revoltadas, as cerejas bradaram: — «Queremos que nos separem, porque nós somos moças e elas são ginja.»

As uvas vinham a bambolear, num passo tão incerto que mostrava bem estarem como um cacho!

Ainda desfilaram mais qualidades de frutos, sem prestígio algum; entre êles, as melancias e melões que, pela

sua deselegância, foram trocados e assobiados. Então, o júri resolveu eleger o pêcego.

Era êste o fruto que mais garantias dava de ocupar dignamente um lugar privilegiado.



Já éle avançava, orgulhoso, quando uma nêspera, ainda mais amarela que o costume, por estar roída de inveja e malquerença, gritou:

— «O rei tem bicho! O rei tem bicho!»

Na verdade, uma lagartinha aparecia, furando a pele de veludo do nobre pêcego.

Os gritos de entusiasmo cessaram. Só um fruto são e escorreito, podia ser o rei.

Assim também o julgou o júri, que deu o dito por não dito.

Com a cabeça jurada pela implacável lagarta, o pêcego retirou-se muito vexado.

O caso, então, complicou-se. Nenhum outro fruto possuía condições para tão alta distinção.

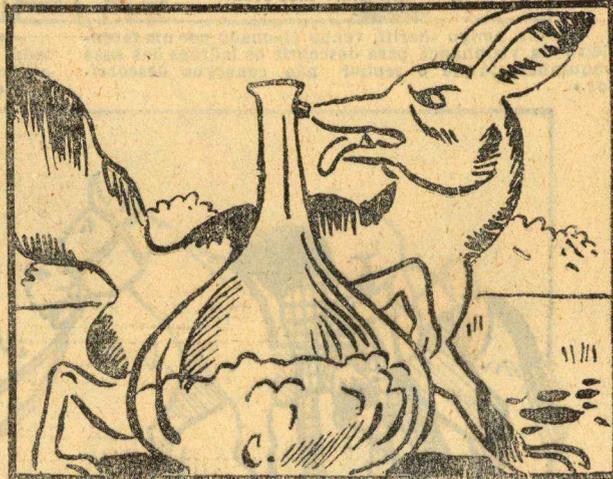
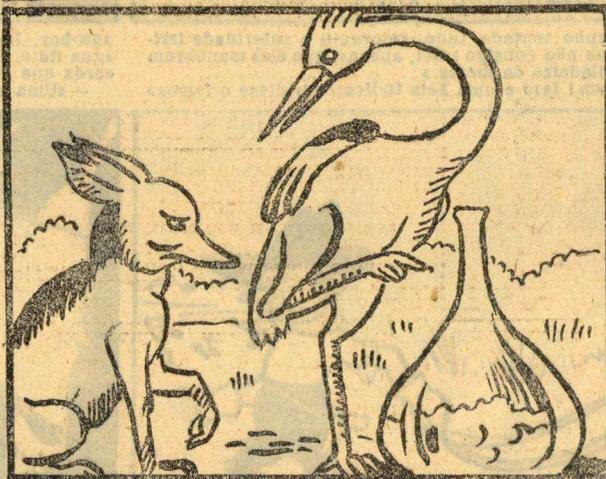
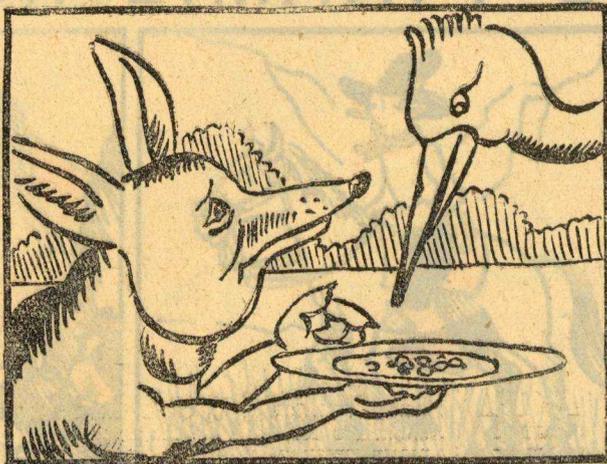
Todos êles eram muitíssimo casca grossa.

Depois de muito parafusar, com os membros do júri, foram todos de opinião que se elegeisse antes uma rainha.

Entre as várias espécies de ameixas, escolheram a de côr mais fina, de porte mais distinto e mais gracioso. Essa ameixa dourada que se chamava Cláudia, ficou sendo a Rainha-Cláudia.

E' esta a razão porque os frutos não têm rei, só têm rainha.

# F Á B U L A M U D A

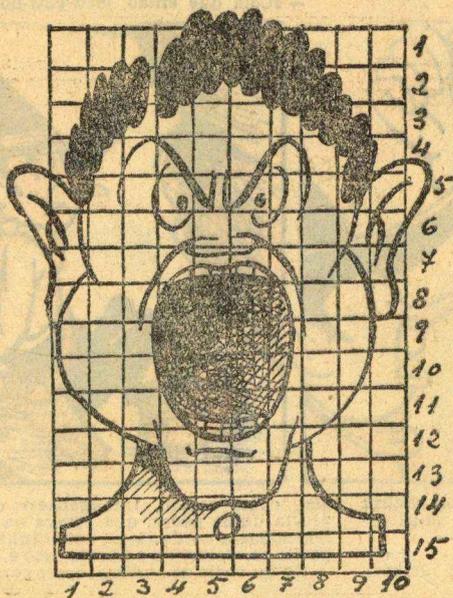


Atendendo ao sucesso obtido pelas anteriores histórias mudas, o «Pim-Pam-Pum» abre um novo concurso nas mesmas condições.

## O PAPA-BOLAS

Sabem o que é o «Papa-bolas»? É uma cabeça duns 70 cm. de altura, recortada em madeira ou mesmo em cartão muito grosso. O jogo consiste em enfiar na sua enorme bocarra umas bolas de trapo, vencendo o menino que mais bolas o fizer engulir.

Eis mais um brinquedo que o «Pim Pam-Pum» vos oferece para esta época de veraneio. Podem, se simpatizarem com esta cabeça, aumentá-la pelo processo dos quadradinhos.



## INTERCAMBIO EPISTOLAR

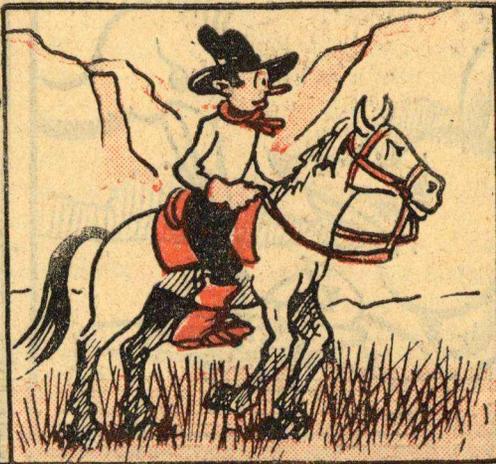


À menina Maria Luíza Ramos Rocha, de 14 anos, coube em sorte a amiguinha Maria Helena Alves Mota 11 anos.

AVENTURAS PIRAMIDAIS DO



— «Pois, amigo sheriff, venho chamado por um fazendeiro da vizinhança para descobrir os ladrões das suas vaquinhas, já que o senhor não consegue descobri-los.»



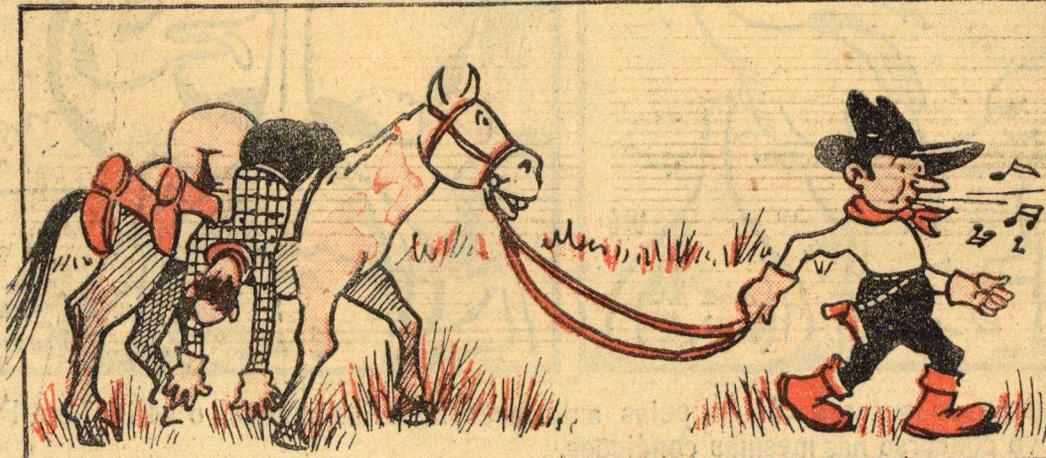
— «Tenho tentado tudo, retorquiu a autoridade irritada. Mas não consigo! Sei, apenas, que eles manobram no desfiladeiro da morte.»

— «Bem! Isso é uma bela indicação!» disse o famoso



cow-boy, levantando-se e montando no cavalo. Perto do misterioso o cavalo percebe a corda que atravessava o canchicho.

— «Uma armadilha, pensa,



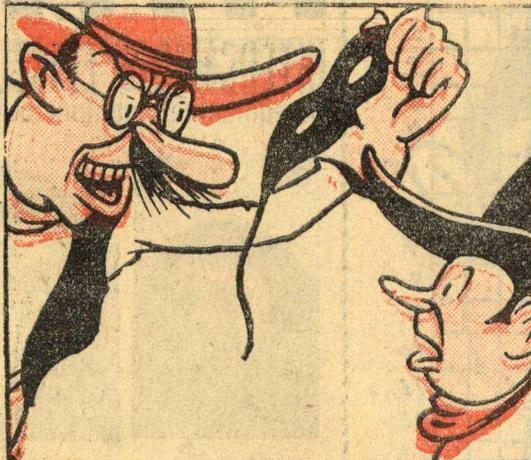
que passeava tranquilamente, sente-se prêso e um espantoso trambolão foi o epílogo desta cena. Havia sido laçado.

Acordou, horas depois, numa caverna, amarrado de pés e mãos.

— «Com que então, meu cow-boy das dúzias, querias



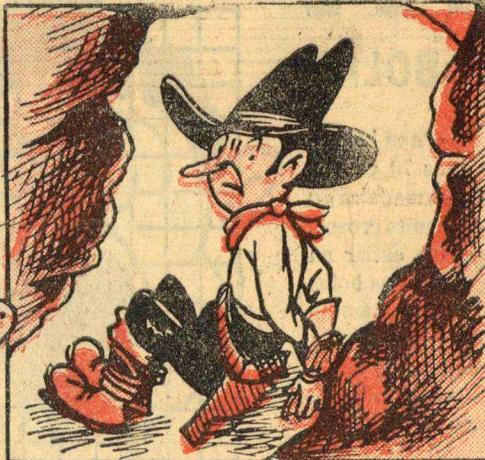
prender-me? dizia um imbecil te trincar esse nariz (e não Hel-de atrair-te ao terrível labirinto).



E agora vou deixar-te por um momento. Vou roubar mais umas vaquinhas ao rancho «Double K» E saiu!

Entrementes o nosso herói sorriu.

Como era inteligente, (Os cow-boys das fitas também

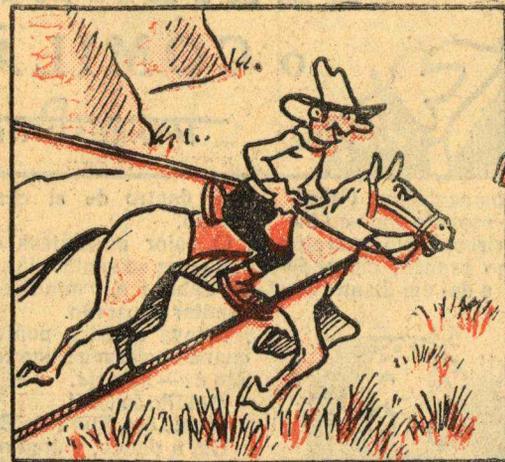


são, como sabem, inteligentes) chegou-se para uma aresta duma pedra, que estava na parede, e começou a friccionar a corda. Esta, coitadinha, em breves segundos partia-se, deixando-o liberto. Isto é, completamente livre, Então, cheio de audácia, corre para o rancho «Double K»,



onde ainda consegue apagar a fumaça com uma botija. Isto é, roubando a botija.

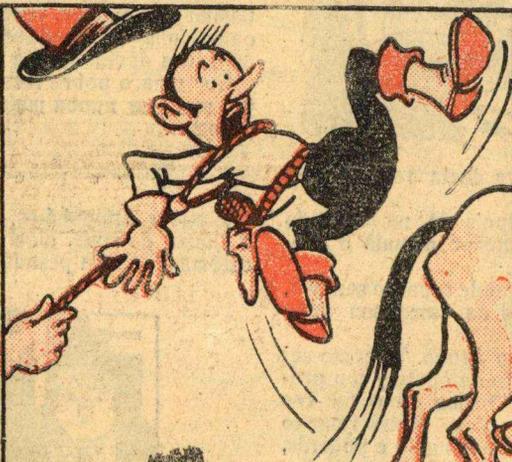
# MISTERIOSA DO COW-BOY FRED ERYCO



montando na sua piramidal  
so desfiladeiro divysou uma  
aninho.  
ou, já começam a manobrar

os bandidos... E dando, uma gargalhada, dirigiu-se,  
dum rapido galope, ao encontro da corda.  
O resultado vêem os leitorzinhos no desenho:—Duas  
cabeças partidas, a égua irritada com aquela carga

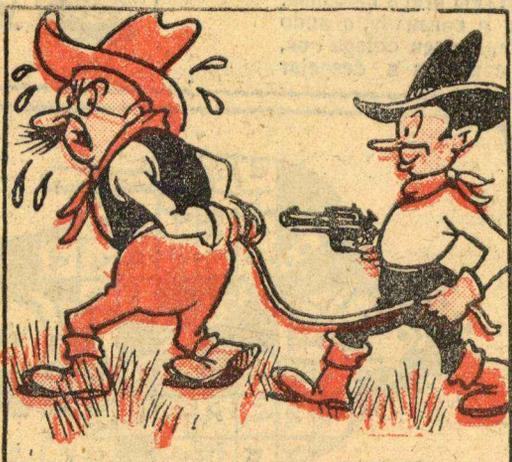
dupla e o nosso Fred todo contente, por ter apanhado  
dois bandidos.  
Durante uns dias nada de anormal ocorreu.  
Mas, certa vez, numa noite de luar, o nosso heroi,



parado. Até sinto ganas de  
(morrava-o com a pistola).  
o abismo do Terror! Hel-de

fazer-te o pior que puder!!! Brrrr...r...r... sabes qu m  
eu sou?» E, dando uma gargalhada satânica — (que  
mélo!) — arrancou a máscara.

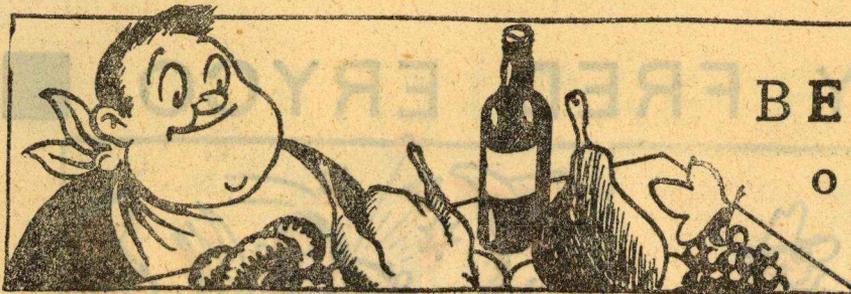
— «O sheriff!» exclamou Fred Eryco pasmado.  
— «Eu mesmo! Ah! Ah! Ah! sabes agora a razão  
porque eu não prendia o bandido? Se era eu mesmo.



o bandido com a boca na  
ampticas vaquinhas.  
o nosso valente, ainda tend  
ele não lhe deu tempo, pois,  
letras para o ar. — (Nas filias

também é assim)—Depois amarrou-lhe as mãos atrás das  
costas e levou-o para a cidade.  
A alegria foi enorme ao saber-se da prisão do bandido  
e não se cansavam de aclamar o valente herói  
Fred Eryco.

No fim elegeram-no sheriff. E agora, leitorzinhos,  
ergamos também um viva ao novo e valente sheriff.  
Vivó-ó-ó-ó-ó...ó-ó-ó...ó-ó-ó! e o eco responderá:  
ó-ó-ó-ó-ó!



# BELIZÁRIO O COMILÃO

TAVARES <sup>P</sup>INTO

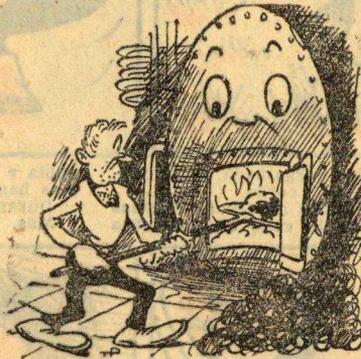
**B**ELIZÁRIO Casimiro era um bom rapaz. Fogueiro, há muitos anos, num paquete de passageiros, era deveras estimado pelos seus colegas, que admiravam as suas boas qualidades.

Mas não há belo sem senão e o senão de Belizário era comer de mais: um comilão de marca.

Comia formidavelmente; e falo no pretérito porque hoje em dia come normalmente.

Era este defeito o motivo da ri-

sota dos seus companheiros. Calcule-se, pois, o seu espanto quando um dia, de manhã, o viram muito amarelo, tomar um pôsinho branco, chamado sulfato de soda, e daí em diante, comer como eles.



para dentro de si carvão e mais carvão.

O calor aumentava e a fornalha cada vez se sentia pior. Sentia dores de cabeça e vontade de vomitar, de vomitar o carvão.

Estava quasi a ponto de o fazer, quando o forneiro lhe fechou a bôca, isto é: — a porta.

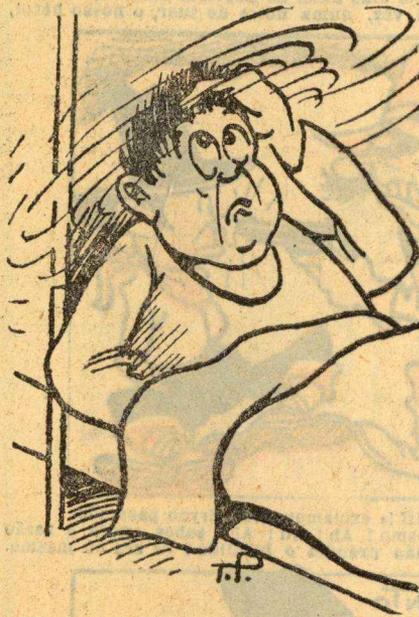
Maldito bruxo!

O que êle fizera ao Belizário!

Daí a pouco, voltou o forneiro. Então, a fornalha não pôde mais. Desatou num berreiro tão grande que Belizário... acordou.

Mas acordou muito mal. Dôres fortíssimas na cabeça, vômitos violentos, campainhas nos ouvidos, etc. O pesadêlo fôra devido a uma indigestão.

Em suma, o pobre forneiro sentiu-se tão mal que nunca mais foi brutinho a comer.



Qual o motivo desta reviravolta? Eu conto:

Certo dia, depois de, na forma do seu costume, encher demais o bandedulho, deitou-se.

Então, com grande espanto seu, viu, sentado aos pés da cama, um anão que lhe disse:

— «Eu sou um bruxo. E, como sei que gostas muito de comer, vou proporcionar-te a forma de o fazeres continuamente. Vou transformar-te numa fornalha d'este navio e poderás, então, comer muitíssimo!»

Disto isto, desapareceu e — ó desgraçado Casimiro! — realmente viu-se feito fornalha sem graça nenhuma. Um forte calor o consumia, quando viu vir, para êle, um seu colega que, com uma pá, começou a despejar

E agora, amiguinhos, cuidado, pois o comer de mais, além de estragar o estômago, causa pesadêlos.

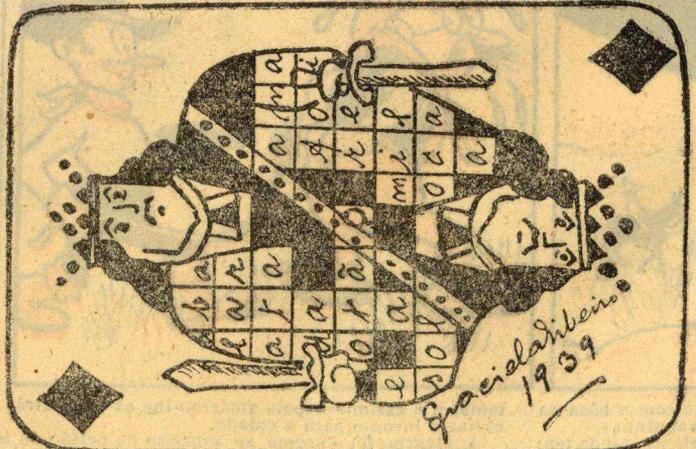


## INTERCAMBIO EPISTOLAR



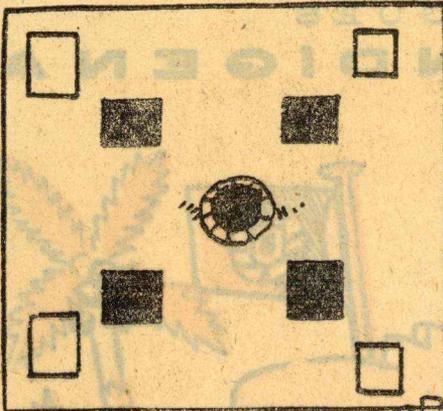
À menina Miraldina de Jesus Sezões de 13 anos, coube em sorte a amiguinha Lulza Maria P. Bamond de 14 anos

PALA-  
VRAS  
CRUZA-  
D A S



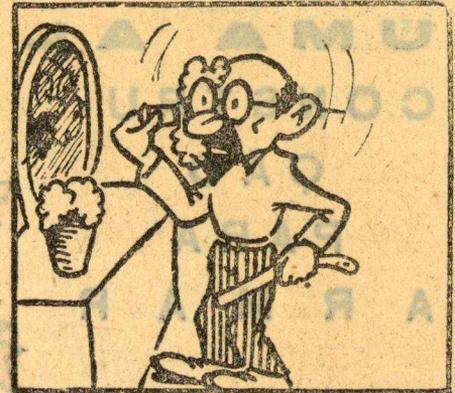
Solução do número anterior

PASSATEMPO DISTRAÇÕES DE UM SABIO



Quatro amigos estabeleceram-se em redor dum pogo, com o direito de tirarem a água que precisassem para seu uso. (Casas brancas.)

Outros quatro amigos também exigiram 4 casas (pretas) em redor do mesmo pogo, mas não tinham direito à água. Entretanto, como eles a roubassem, os quatro amigos das casas brancas resolveram levantar um muro entre os intrusos e o pogo, ficando eles, é claro, dentro do dito muro. Será isso possível? A solução virá no próximo número.



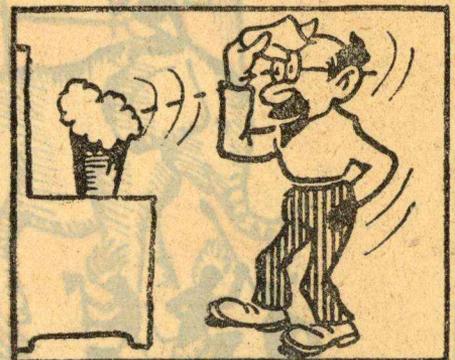
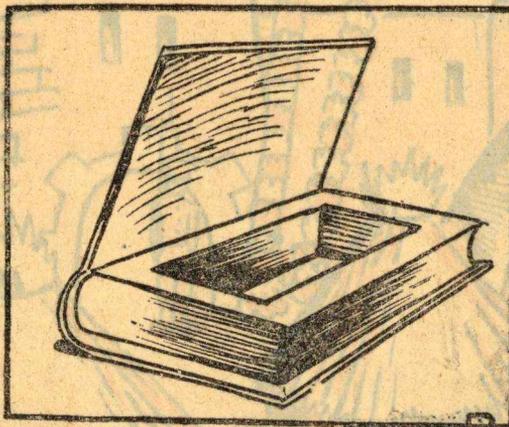
Barbatanas Espantado faz a barba com cuidado.

O LIVRO CAIXA

Não é uma lição de escripturação como podereis julgar, mas a forma de se construir uma caixa utilizando um livro.

Arranjem um livro que não preste e, com paciência, vão colando, com farinha, as folhas umas às outras, até formarem um bloco único.

Depois, com um canivete, vão escavando as folhas até à capa de baixo e... pronto!



Horas depois, acalmado, vendo num copo um espumante

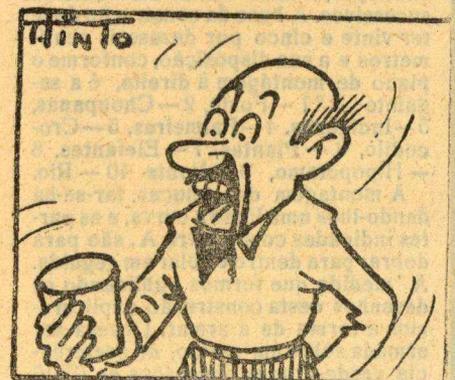
COISAS EXÓTICAS  
DO NOSSO GLOBO



Um pogo na Índia com «balancé». Não é curioso?



engole-o delicioso. Nisto grita apavorado:

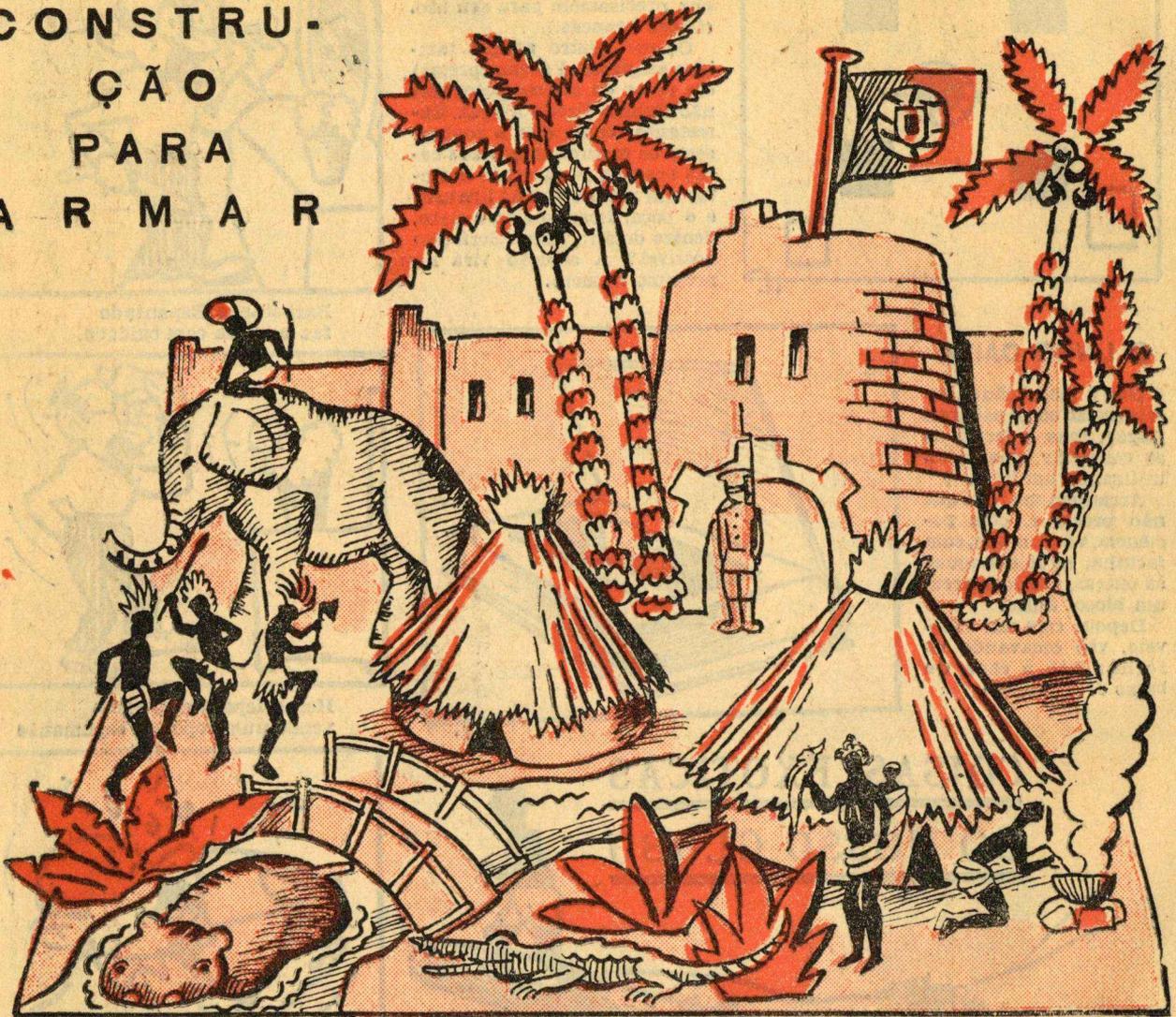


Será veneno? Será?! O leitor o informará.

CONCURSO DE LEGENDAS  
A PRÊMIO

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número publicaremos as legendas relativas à última história muda classificadas pelo Júri.

IMPÉRIO PORTUGUÊS  
**UMA ALDEIA INDIGENA**  
**CONSTRU-**  
**ÇÃO**  
**PARA**  
**A R M A R**



**PLANO DE MONTAGEM**

O «Pim-Pam-Pum» dá hoje comêço á publicação duma *Aldeia indigena*, construção para armar, cujo plano de conjunto reproduzimos acima e cujos componentes fragmentários, para a sua execução, iremos dando em números sucessivos. A base da construção deve ter vinte e cinco por dezasseis centímetros e a sua disposição, conforme o plano de montagem à direita, é a seguinte: N.º 1 — Forte, 2 — Choupanas, 3 — Indígenas, 4 — Palmeiras, 5 — Crocodilo, 6 — Plantas, 7 — Elefantes, 8 — Hipopótamo, 9 — Ponte 10 — Rio.

A montagem das choças, far-se-há dando-lhes uma ligeira curva, e as partes indicadas com a letra A, são para dobrar para dentro e colar em seguida. A medida que formos publicando os desenhos desta construção, explicaremos a forma de a armar. Deverá ser armada sôbre um cartão, de preferência verde, com as dimensões de 0<sup>m</sup>,16 x 0<sup>m</sup>,25. Os meninos poderão colorir a armação a seu capricho e gôsto.

